

#172

Projeto 10x10 **As escolhas dos curadores** **Concertos para um novo ano** **O que ainda há para Descobrir** **Eduardo Lourenço editado em França** **Mensagem do presidente da Fundação**

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN



Mensagem do Presidente

Celebrando a Fundação Calouste Gulbenkian, em 2016, 60 anos de atividade, irá ser concluída uma reflexão sobre a sua estratégia de intervenção que assegure que a instituição continuará a ser um relevante impulsionador da filantropia moderna e da inovação social.

Este propósito irá mobilizar toda a instituição para a sua missão primordial de contribuir para a construção de uma sociedade que ofereça iguais oportunidades a todos e que seja mais sustentável.

Um primeiro desafio consiste em compatibilizar a estabilidade da ação da Fundação - o que constitui um compromisso sólido com uma visão do mundo e das pessoas - com a evolução das prioridades da sociedade, o que supõe uma regular avaliação das atividades desenvolvidas. Para tal, é necessário que a Fundação venha a ser mais focada na sua intervenção e que recorra a um modelo de organização que consagre uma atuação mais transversal, articulada e colaborativa.

A evolução dos capitais próprios da Fundação coloca pressão sobre a dotação a afetar em cada ano às atividades a desenvolver pela instituição. É desejável, por isso, que a sua estrutura ofereça maior flexibilidade e apresente custos de funcionamento mais contidos.

Este processo de adaptação e resposta aos novos tempos, exigências e constrangimentos, constitui uma oportunidade de maior afirmação da capacidade de resposta da nossa instituição.

A Fundação deverá ambicionar ser uma fonte de inspiração e de transformação social, continuando a ser uma referência através do alinhamento da sua atuação com os grandes temas da agenda global. Importa porém sublinhar que a Fundação deve privilegiar uma ação local pois só sendo relevante em Portugal poderá ter influência ou impacto internacional. Por sua vez, no nosso país, a Fundação deve preocupar-se, sempre que possível, em descentralizar as suas ações por todo o território.

Em Portugal, os mais sérios problemas são hoje o desemprego jovem e a questão demográfica. Por outro lado, apenas o crescimento responsável e sustentável viabilizará a construção de uma sociedade mais igual. O crescimento assenta no investimento e na inovação. Não há investimento sustentável sem instituições sólidas. Não há inovação sem conhecimento científico e uma aposta clara na identificação, valorização e retenção do talento. A excessiva desigualdade constitui uma questão central, que não desaparecerá sem a participação ativa de todos os sectores da sociedade. Da arte à cultura, a ação da Fundação deve privilegiar o seu impacto social.

A maior articulação entre as atividades culturais diretas e as restantes iniciativas ou projetos apoiados pela Fundação irá testar um novo modelo de organização que reforçará a coerência da nossa ação em torno da missão que o nosso Fundador nos assinalou. Em especial, assim acontecerá com a nossa intervenção no domínio da música e da ação desenvolvida pelos nossos dois museus, o que neste último caso irá ser facilitado pela integração da sua gestão sob uma única direção. Em suma, as nossas importantes atividades culturais, que constituem um sólido legado identitário, têm de estar mais articuladas e relacionadas com a intervenção nas outras áreas.

Do mesmo modo, a Fundação deve prosseguir uma coordenação cada vez mais estreita entre as atividades desenvolvidas a partir de Portugal e das delegações, do Reino Unido e de França.



Artur Santos Silva

Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian

Atendendo às possibilidades oferecidas pelo programa europeu dedicado à investigação Horizonte 2020 que estimulam a maior ambição, iremos igualmente repensar o Instituto Gulbenkian de Ciência no âmbito de um processo de avaliação internacional já previsto no seu novo ciclo iniciado em 2012.

Por sua vez, as atividades distributivas devem identificar os temas e os projetos em que uma intervenção focada e inovadora da Fundação possa contribuir para antecipar novas respostas aos problemas da sociedade, promovendo a reflexão, a geração de conhecimento e a construção de pontes entre os diferentes setores da sociedade. Só deve ser feito o que tem escala e massa crítica, importando definir os requisitos dos projetos apoiados ou desenvolvidos, designadamente os seus objetivos, dimensão, governação, duração e avaliação. Aliás, a clareza de objetivos e de processos também facilitará a comunicação interna e externa, viabilizará a captação de parceiros e facilitará a sua disseminação.

Por outro lado, o universo digital veio colocar desafios que obrigam a uma transformação do modo de intervir e o relacionamento da Fundação com os seus beneficiários. Por este motivo, em 2016, a Fundação irá lançar um programa transversal de transformação digital que constitui uma oportunidade única quer para o aprofundamento da missão da Fundação - com o alargamento dos públicos ou beneficiários - quer para uma significativa alteração dos processos de organização do trabalho e das atividades, transformando-a numa instituição mais aberta e dinâmica.

Há 60 anos, em 18 julho de 1956, foram aprovados em definitivo os estatutos da Fundação Calouste Gulbenkian, um trabalho de diplomacia exemplar levado a cabo pelo primeiro Presidente da Fundação, Doutor José de Azeredo Perdigão, que a dirigiu durante 40 anos e a quem queremos prestar uma devida homenagem no ano em que se completam 120 anos do seu nascimento.

Em 60 anos, Portugal e a Fundação atravessaram muitas mudanças, mas o compromisso com as nossas finalidades estatutárias — arte, beneficência, ciência e educação — bem como com a sociedade que servimos permanece como um princípio estruturante que continuaremos a honrar.

#172 — JANEIRO 2016 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA — THE DESIGNERS REPUBLIC — IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO — DDIX / REVISÃO DE TEXTO — RITA VEIGA / IMAGEM DA CAPA — ASPETO DA EXPOSIÇÃO WENTWORTH - FITZWILLIAM. UMA COLEÇÃO INGLESA © CARLOS AZEVEDO / IMPRESSÃO — GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM — 10 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA, TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / WWW.GULBENKIAN.PT

10 x 10 Aprender como num jogo



UM DOS JOGOS DESENVOLVIDOS PELOS ALUNOS DA ESCOLA SECUNDÁRIA SEOMARA COSTA PRIMO — DANÇAM AOS PARES, UNIDOS POR DIFERENTES OBJETOS, PARA DEMONSTRAR O CONCEITO DE EQUIDISTÂNCIA. © MÁRCIA LESSA

Francisco Estorninho é professor de Matemática, Lurdes Henriques leciona Ciências Físico-Químicas e António Jorge Gonçalves é artista plástico. Desde o início do ano letivo, juntam-se na Escola Secundária Seomara Costa Primo, na Amadora, para ensinar de uma forma diferente, unindo as valências e características das diversas áreas em que estão especializados. Pertencem a um dos projetos que integram o 10x10, uma iniciativa do Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência. A ideia base do 10x10 parte da colaboração de artistas e professores de forma a desenvolver estratégias de aprendizagem que sejam eficazes na captação de atenção, motivação e envolvimento de alunos do secundário em sala de aula. Para esta 4.^a edição, ao contrário dos anos anteriores, cada artista trabalha com dois professores, indo assim mais além na integração de diversas disciplinas.

“Depois do sofrimento que foi para mim ser aluno de Matemática e Físico-Químicas, fiquei um bocado assustado” explica António Jorge Gonçalves relativamente ao momento em que soube com que disciplinas iria trabalhar. No entanto, diz que isso até tem ajudado o processo a ser “extremamente interessante”, porque **o que interessa é trabalhar e fomentar a criatividade – dele, dos professores e dos alunos – e isso é transversal a qualquer disciplina ou matéria.** “Aquilo que me é pedido neste projeto é trabalhar com os professores e dar o melhor da minha criatividade. Um artista quando vive a fundo a sua atividade, mais do que a circunstância e o contexto que usa, o que o move é a criatividade.”

E é com a criatividade como motor que os três responsáveis do projeto têm trabalhado com uma turma de 30 alunos do 10.º Ano. Tem havido uma evolução na abordagem utilizada com os estudantes. No início do ano letivo, os educadores inventavam jogos e formas diferentes de lecionar a matéria. Chegando ao final do 1.º trimestre, cabe agora aos alunos imaginar, desenhar e aplicar novos jogos que sejam capazes de transmitir os conteúdos programáticos. “Colaborámos com os alunos. Começámos por lhes propor jogos até chegar ao ponto em que são eles a construir a proposta toda. De certa forma, foi um processo de delegação de poderes”, explica António Jorge Gonçalves. “A ideia foi encontrar uma estrutura muito simples para eles poderem desenvolver individualmente um jogo que se relacionasse com uma parte da matéria, mas tinham toda a liberdade de criar algo mais ou menos lúdico, com mais aprendizagem ou não.”

Assim, divididos em seis grupos, os jovens entre os 15 e 16 anos tiveram que puxar pela imaginação para transformar assuntos sérios em jogos – a massa molar, a tabela periódica, a radiação, energia e espectros, o referencial cartesiano, a equidistância e a união e intersecção. O resultado foi um ginásio transformado em aula de Matemática e Físico-Químicas e que, por sua vez, ora era jogo de *twister*, ora era pista de corridas, ora era salão de dança – tudo com o propósito de mostrar a Matemática e as Físico-Químicas em funcionamento. Toda a preparação e o trabalho destes alunos foi feito autonomamente e fora do horário das aulas. Do lado dos educadores ficou a responsabilidade de lhes dar apoio e recolocar as ideias nos eixos caso se estivessem a desviar demasiado – “tudo numa lógica de não interferir”, deixando-os inclusivamente errar, reforça António Jorge Gonçalves, até porque: “O erro também faz parte do processo. São eles que têm que pensar e articular o que não funcionou, para mais tarde o corrigir.”

“Isto para eles é uma aprendizagem que irá ficar a acompanhá-los para sempre”, considera a professora Lurdes Henriques. Para ela, o mais notório nestes alunos foi o empenho e a entreadada que mostraram, principalmente tendo em conta que tiveram que trabalhar fora do horário normal. Quanto a resultados, pensa que é cedo demais para poder vê-los, e nem é o mais importante. Tanto ela como os restantes orientadores deste projeto concordam que o que é vital é o processo, mais do que o resultado final.

O projeto desenvolvido na Escola Secundária Seomara Costa Primo é um entre os seis que estão a decorrer no âmbito do 10x10. **Os processos de trabalho e os resultados de todos os projetos serão apresentados nos dias 30 e 31 de janeiro, no Auditório 2 da Fundação**, através de aulas públicas de diferentes formatos, com a finalidade de partilhar o que correu bem e menos bem durante esta aprendizagem mútua.



© MÁRCIA LESSA



ANTÓNIO JORGE GONÇALVES, ENTRE DOIS ALUNOS © MÁRCIA LESSA

Pequenas grandes transformações

São jovens e dinâmicos, têm vontade de ajudar e tempo para dar. Juntaram-se para criar a associação Just a Change e encontraram na reabilitação de casas precárias a sua forma de “mudar o mundo”. Contam agora também com o apoio do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano.

Gonçalo Coimbra tem 24 anos. Encontramo-lo num espaço de *coworking* no bairro de Alvalade, em Lisboa, onde desde que terminou o curso de arquitetura em 2015 está a tempo inteiro a trabalhar no projeto Just a Change. “Tornar as casas de quem mais precisa em lugares dignos de serem vividos, com alegria e esperança” é o lema desta associação, que fundou em 2010 com mais seis amigos, todos universitários de áreas diversas como Engenharia, Direito ou Gestão.

Tudo começou com dois jovens de 18 anos que levaram as suas guitarras para a Baixa lisboeta para angariar dinheiro tocando música. Seria menos surpreendente terem gasto esses ‘trocos’ (*change*, em inglês) para beber umas cervejas do que aquilo que acabariam por fazer: pagar refeições aos sem-abrigo da zona. Repetiram a iniciativa várias vezes e outros amigos se juntaram. Não era muito dinheiro, mas era o suficiente para fazer a diferença no dia a dia de várias pessoas.

O grupo de amigos, que já tinha experiência de voluntariado em organizações católicas, vai ganhando força. “Começámos entre nós a discutir a melhor forma de mudar-mos qualquer coisa no mundo à nossa volta”, conta Gonçalo. Foi então que um familiar lhes falou de uma senhora que vivia numa casa extremamente precária em Lisboa. “Com a maior inocência, fomos comprar umas latas de tinta e dois pincéis... Entrámos na casa desta senhora, limpámos tudo, pintámos as paredes e fizemos mais alguns arranjos, com os poucos conhecimentos que tínhamos.”

Gonçalo reconhece, retrospectivamente, que “não terá sido o trabalho de maior sucesso”, mas foi o primeiro, e serviu para perceberem qual o caminho a seguir.

“Há anos que não entrava ninguém naquela casa, a não ser uma assistente social que ia lá de vez em quando.” O trabalho foi tão gratificante que decidiram entrar em contacto com instituições que conheciam, como a Cruz Vermelha ou o Banco Alimentar, para que indicassem à associação Just a Change, entretanto já criada, outras casas a precisar de intervenção. Tinham-se tornado “empreendedores sociais”.

Reabilitar casas e vidas

As casas intervencionadas no âmbito deste projeto têm geralmente muitos problemas de higiene e de salubridade. Cada intervenção tem as suas especificidades mas, em média, as intervenções duram um mês e há sempre um técnico contratado a tempo inteiro, que orienta os voluntários e que garante a realização de um trabalho de qualidade. “Conseguimos reduzir dramaticamente os custos de qualquer obra que façamos, quer pelo trabalho de voluntariado quer pelas parcerias institucionais”, explica Gonçalo, destacando em Lisboa a parceria com a Junta de Freguesia de Campolide, que tem sinalizado muitas casas e disponibiliza mão de obra para as intervenções. “Já somos amigos dos técnicos [da Junta]. Para eles também foi uma lufada de ar fresco, trabalhar na companhia de um grupo de jovens é muito diferente das rotinas deles.”

Os voluntários são maioritariamente universitários porque “têm mais tempo para dar”. A angariação é feita exclusivamente por meio das redes sociais e nunca tiveram falta de voluntários, assegura o fundador da associação que em cinco anos já conseguiu mobilizar quase mil voluntários e reabilitar 49 habitações, para além de outras intervenções em instituições sociais.



“As histórias que mais nos marcam são aquelas de pessoas que viviam pior e na vida de quem tivemos mais impacto”, diz o jovem arquiteto. Recorda vários casos, mas o do Sr. Álvaro, que vivia numa casa profundamente degradada no bairro da Serafina, impõe-se: “Era uma pessoa que não se cuidava, que não saía de casa. E de repente tinha vontade de sair à rua, arranjava-se, quis ir tirar o cartão de cidadão, e agora é uma presença assídua no centro de dia onde faz companhia aos mais idosos. Foi todo um processo que culminou nele próprio tornar-se voluntário do nosso projeto. Isso foi muito marcante. Ganhou um grande apego à casa e à sua própria vida.” A intervenção na habitação do Sr. Álvaro durou dois meses e meio. Instalaram-lhe água e luz. Fizeram paredes, teto e chão, e ainda arranjaram alguns móveis.

Antes de sair para a inauguração da “nova” casa da D. Felismina, uma das mais recentes intervenções pela qual passaram dezenas de voluntários e que incluiu a construção de uma casa de banho (antes inexistente),

“As histórias que mais nos marcam são aquelas de pessoas que viviam pior e na vida de quem tivemos mais impacto”

há tempo ainda para Gonçalo Coimbra partilhar os planos para o futuro da Just a Change: “A nossa ambição é replicar este modelo no país inteiro.” Com um projeto cada vez mais estruturado e sistemático, querem vê-lo crescer e tornar-se sustentável. “Queremos ser um projeto de empreendedorismo social, ou um negócio social. Temos uma mais-valia não só a nível habitacional, mas também social, das pessoas.” Muito mais do que “apenas uma mudança”.

www.justachange.pt

Estudos Portugueses em Berkeley

Concurso para professores

Até **31 de janeiro** estão abertas as candidaturas dirigidas a professores de universidades portuguesas para lecionar durante um semestre na Universidade de Berkeley, na Califórnia, com o estatuto de professor visitante. Este concurso realiza-se no âmbito do novo Programa em Estudos Portugueses em Berkeley, com o apoio do Programa Gulbenkian Língua e Cultura Portuguesas.

Os candidatos podem ser especialistas em língua, literatura, história e cultura (arte, música, etc.) portuguesas e o professor selecionado receberá uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para assumir a docência de um curso dentro da sua especialização, no próximo semestre de outono ou da primavera.

O curso consistirá em três horas de ensino e duas horas de atendimento aos alunos por semana, durante 15 semanas. Além do ensino do curso, o candidato selecionado terá de proferir uma palestra pública na sua área de especialização, a realizar no âmbito do Programa de Estudos Portugueses do Instituto de Estudos Europeus de Berkeley.

Os candidatos interessados devem apresentar um dossiê de candidatura, com indicação do semestre de preferência em Berkeley para o ano letivo de 2016-17, um *curriculum* atualizado e um plano de estudos do curso proposto para as 15 semanas, onde conste o título do curso, uma descrição concisa do tópico, a identificação discriminada de tópicos semanais e uma lista de leitura.

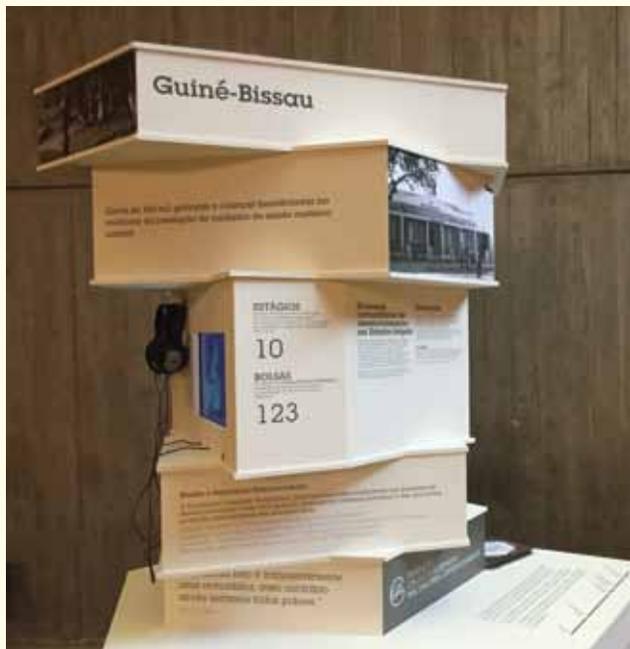
O resultado do concurso será divulgado até ao próximo dia 1 de março. Mais informações e regulamento: www.gulbenkian.pt/Apoios



Mostrar a cooperação para o desenvolvimento

O ano de 2015 marcou o fim da agenda de ação definida pelas Nações Unidas para a concretização dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – um conjunto de metas definido em 2000. Os resultados globais são motivadores: a pobreza extrema foi reduzida a metade, a percentagem de crianças a frequentar o ensino primário subiu de 83 por cento para 90 por cento, morrem menos 17 mil crianças por dia, a taxa de mortalidade de mães durante o parto desceu 45 por cento, mais de um quarto da população mundial teve melhorias nas suas condições sanitárias e as infeções de VIH e malária diminuíram em 40 por cento.

Nesta altura de balanço, e no lançamento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, um novo conjunto de metas a concretizar até 2030 para continuar e alargar os resultados conseguidos até agora, a Fundação Calouste Gulbenkian, por meio do Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento, decidiu assinalar o trabalho realizado ao longo dos últimos 15 anos em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Para o efeito, seis estruturas expositivas, uma para cada um dos países, estão dispostas em vários espaços da Fundação com informações, dados e vídeos sobre os esforços e os resultados obtidos desde o início do século.



UMA DAS ESTRUTURAS EXPOSITIVAS QUE MOSTRAM O TRABALHO REALIZADO PELA FUNDAÇÃO NOS PALOP E TIMOR-LESTE © AFONSO CABRAL

Projetos em exposição até 15 de fevereiro

A intervenção, em projetos próprios ou em parceria, tem sido realizada sobretudo nas áreas da Saúde (incluindo investigação) e da Educação, pilares das estratégias de redução da pobreza, e nas Artes, pilar de construção de identidade e soberania dos países parceiros. O Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento tem procurado apoiar “nichos órfãos” da ajuda tradicional ao desenvolvimento, de rentabilizar os recursos, seus e dos parceiros, sendo muitas vezes o complemento que permite a apresentação de candidaturas e a execução de projetos.

Este projeto expositivo, que pode ser visto em vários locais da Fundação até 15 de fevereiro, permite saber mais sobre os objetivos atingidos com a participação da Fundação, como a formação de 45 técnicos na área da Educação à Distância, em Moçambique, os 200 alunos colocados em seis novos mestrados na Universidade de Cabo Verde ou as cerca de 150 mil grávidas e crianças beneficiadas na melhoria da prestação de cuidados de saúde materno infantil na Guiné Bissau. Também é uma oportunidade para ficar a conhecer projetos como o ForSa – Formação em Saúde, um trabalho em parceria com o Instituto Camões e a Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa para reforçar as capacidades do ensino superior na área da saúde em Timor-Leste; o CISA – Centro de Investigação em Saúde de Angola, o maior projeto de cooperação entre Portugal e Angola, que tem como missão realizar e promover a investigação em saúde; ou ainda o Riqueb – Reforço Institucional e Qualitativo do Ensino Básico, para o desenvolvimento do ensino básico em São Tomé e Príncipe; alguns dos vários projetos implementados nos PALOP e em Timor-Leste, entre muitos outros.

STOP Infecção Hospitalar!

Profissionais de Saúde em formação

Cerca de duas centenas de profissionais de Saúde, provenientes dos 12 hospitais públicos portugueses selecionados em março de 2015 para participar no Desafio Gulbenkian *STOP Infecção Hospitalar!*, estão a receber formação num programa desenvolvido pelo Institute for Healthcare Improvement (EUA). Depois de uma primeira *learning session* que decorreu em outubro de 2015, em Lisboa, mais de 90 por cento dos participantes afirmaram ter aprendido pelo menos “algumas ideias novas” que poderão ser aplicadas a curto prazo nas suas organizações. Cada organização esteve representada nesta formação com uma equipa, em média, de 16 elementos. Um dos principais objetivos foi a compreensão de um “plano de medição”, que inclui a recolha e partilha de dados, com a finalidade de se saber se as mudanças resultam em melhoria. A segunda ação de formação para estes profissionais de Saúde decorrerá em abril.

As infeções adquiridas em meio hospitalar constituem um dos principais problemas de saúde pública, assumindo em Portugal uma dimensão particularmente preocupante, com uma prevalência de infeção hospitalar bastante acima da média europeia, com um forte impacto não só a nível epidemiológico, mas também económico.

Na sequência do relatório *Um Futuro para a Saúde – Todos temos um papel a desempenhar*, que a Fundação Calouste Gulbenkian apresentou em 2014, a infeção hospitalar foi eleita como um Desafio Gulbenkian. O projeto *STOP Infecção Hospitalar!* arrancou assim no 2.º trimestre de 2015 e tem como objetivo reduzir em 50 por cento a ocorrência de infeções hospitalares nas 12 instituições do Serviço Nacional de Saúde que foram apuradas por concurso para este projeto, num período de três anos.

O projeto *STOP Infecção Hospitalar!* conta com a experiência e o *know-how* do Institute for Healthcare Improvement, que já desenvolveu iniciativas muito semelhantes na Escócia – um caso de estudo em toda a Europa, com reduções na ordem dos 70 a 80 por cento –, em Inglaterra e na Dinamarca. O instituto norte-americano está agora a utilizar em Portugal uma metodologia “colaborativa” para que as equipas dos hospitais aprendam em conjunto e colaborando entre si, aplicando as boas práticas baseadas na melhor evidência e estando sempre sujeitas a escrutínio e a avaliações.



Mónica Bettencourt Dias ganha mais uma bolsa ERC

A equipa de investigação do Instituto Gulbenkian de Ciência, liderada por Mónica Bettencourt Dias, ganhou um financiamento do Conselho Europeu de Investigação (ERC) no montante de dois milhões de euros, por um período de cinco anos. Esta é a segunda vez que o ERC financia os estudos da cientista do IGC.

A equipa investiga como é que os centríolos – estruturas microscópicas dentro da célula – são formados e mantidos nas células. Estas estruturas são críticas para a multiplicação das células, para o seu movimento e para a “comunicação” que existe entre elas. As alterações nos centríolos originam várias doenças, incluindo infertilidade, rins policísticos, alterações no sistema nervoso, e aceleram o desenvolvimento de tumores.

O projeto agora financiado irá recorrer a uma abordagem multidisciplinar, que envolve microscopia de super-resolução e modelação matemática, para conseguir quantificar o número de moléculas de centríolos existentes dentro das células. Este projeto tem a participação de outros dois grupos do IGC, o de Jorge Carneiro e o de Ivo Telley. Para Mónica Bettencourt Dias, o financiamento é fundamental: “A ciência está dependente de tecnologia e esta bolsa irá permitir adquirir equipamento extremamente dispendioso, como é o caso dos microscópios de super-resolução, bem como recrutar uma equipa excepcional por cinco anos para responder às importantes perguntas que foram colocadas.” A investigadora acrescenta ainda que “este trabalho só é possível porque o IGC tem um ambiente multidisciplinar que permite a sua execução”.

Este trabalho em biologia fundamental complementa os estudos dos centríolos em cancro, desenvolvidos pelo grupo de Mónica Bettencourt Dias em colaboração com o Instituto Português de Oncologia de Lisboa (IPO) e o Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da Universidade do Porto (Ipatimup).

Neste concurso foi também atribuído financiamento ao grupo de Helder Maiato, investigador no Instituto de Investigação e Inovação em Saúde, e a Marina Costa Lobo, investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Hélder Maiato e Mónica Bettencourt Dias são antigos estudantes do Programa Gulbenkian de Doutoramento em Biologia e Medicina.



Prémio Pfizer 2015 para Miguel Soares

A equipa liderada por Miguel Soares, do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), venceu o Prémio Pfizer 2015 em Investigação Básica, no valor de 20 mil euros. O prémio reconhece o trabalho desenvolvido pelo grupo do IGC em que foi revelado que componentes específicos das bactérias residentes no intestino conseguem induzir a produção de anticorpos naturais contra o parasita que causa a malária, conferindo proteção contra a transmissão da doença. Os prémios Pfizer são atribuídos pela Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, em parceria com a biofarmacêutica Pfizer, e distinguem anualmente o melhor trabalho de investigação básica e clínica desenvolvido na área das Ciências da Saúde, em Portugal.

No campo da Investigação Clínica, o Prémio Pfizer 2015 foi atribuído à equipa de José Cunha-Vaz, da Associação para a Investigação Biomédica e Inovação em Luz e Imagem, pelo desenvolvimento de um novo método de diagnóstico de doenças da retina.

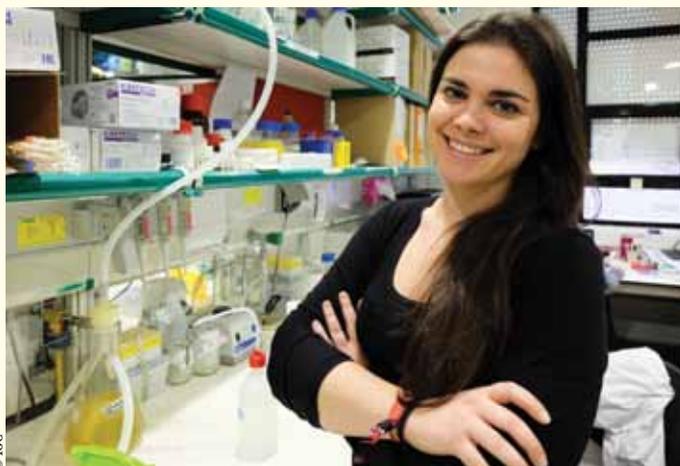
Esta é a oitava vez que grupos do IGC veem os seus trabalhos distinguidos com os Prémios Pfizer. O grupo de Miguel Soares recebe pela segunda vez o Prémio Pfizer em Investigação Básica, tendo anteriormente recebido o Prémio Pfizer para Jovens Investigadores, atribuído a um estudante de doutoramento deste grupo de investigação.



© IGC

Bolsa Liga Portuguesa contra o Cancro/Pfizer 2015

Sandra Tavares, estudante de doutoramento do IGC, foi a vencedora da Bolsa da Liga Portuguesa Contra o Cancro/Pfizer 2015. Esta bolsa permitirá a Sandra Tavares continuar a investigar o papel que uma dada proteína do esqueleto da célula desempenha em lesões invasivas do cancro da mama. A atribuição de bolsas de investigação instituída pela Liga Portuguesa contra o Cancro, em parceria com os Laboratórios Pfizer, tem o intuito de apoiar jovens cientistas para desenvolverem projetos na área do cancro durante um ano.



Sistema imune afeta a evolução de bactérias do intestino

A equipa do IGC liderada por Isabel Gordo e Jocelyne Demengeot demonstrou experimentalmente que o sistema imune influencia a evolução das bactérias do intestino, tendo estes resultados sido publicados na revista científica *Nature Communications*. Estudando ratos saudáveis e ratos que não possuem linfócitos (células do sistema imune), os investigadores descobriram que, quando o sistema imune do hospedeiro não funciona corretamente, a composição de bactérias do intestino muda e as adaptações metabólicas à dieta surgem a um ritmo mais lento. Sabe-se que a saúde depende da

diversidade de bactérias que habitam o intestino e da forma como o sistema imune tolera essa diversidade ou responde às bactérias patogénicas para prevenir doenças.

Os investigadores observaram ainda que é possível prever a evolução das bactérias comensais em organismos saudáveis, mas o mesmo não acontece em animais com problemas no seu sistema imune. Isto sugere que “o tratamento de patologias intestinais que resultam de um sistema imunitário deficiente, tais como a doença inflamatória intestinal, possa requerer terapias baseadas em medicina personalizada,

que tenham em conta a composição individual das bactérias intestinais, ao invés de terapias generalistas”, explicam Jocelyne Demengeot e Isabel Gordo.

As investigadoras acrescentam ainda que para desenvolver este trabalho no IGC foi determinante a existência de “um espírito de cooperação que junta grupos de investigação de diferentes áreas de ação, sendo possível integrar conhecimentos sobre evolução e imunologia para estudar as complexas interações existentes entre o sistema imune dos vertebrados e a composição bacteriana do seu intestino”.

A Europa (otimista) para além da crise Conferência Gulbenkian

No último dia de novembro, vários oradores apresentaram a sua reflexão sobre o atual estado da Europa, a sofrer os efeitos de uma crise económica e a debater-se com problemas de difícil solução como o fluxo dos refugiados ou as ameaças terroristas. No Auditório 2 da Fundação ouviram-se diversas perspetivas sobre o atual rumo de uma União Europeia que tem vindo a afastar-se do sonho solidário que esteve na sua génese. Apesar dos horizontes sombrios que foram descritos, na conferência dominou o otimismo e a esperança.

Na abertura da Conferência Gulbenkian, o presidente da Fundação lembrou os “tempos difíceis que a Europa vive”, a exigirem políticas económicas e sociais “mais visionárias” e também um “maior envolvimento dos cidadãos europeus” no seu destino. Artur Santos Silva defendeu a coordenação das políticas económicas dos Estados, bem como uma política fiscal, económica e social comum. “A verdadeira crise de ação coletiva apenas se resolverá com a transferência para a União Europeia das tarefas que nenhum país pode isoladamente resolver, assim como dos recursos financeiros necessários para as executar.” Só deste modo, sublinhou Santos Silva, e ancorados na consciência de um destino comum, poderemos “rescrever o sonho europeu” como “um projeto de paz, de inclusão social e de tolerância para com a diferença”.

Por uma Europa solidária

O antigo primeiro-ministro italiano Enrico Letta falou das dificuldades e das fraquezas da União Europeia (UE), acreditando, no entanto, que delas podem emergir pistas para o futuro. Letta lembrou o conceito de solidariedade, sobre o qual se ergueu o sonho europeu e que esteve na base do alargamento do grupo inicial a outras nações, e que pressupunha um sistema cruzado de distribuição de recursos “sem que se soubesse quem dava a quem”.

Hoje em dia, a solidariedade está no centro da discussão, mas passou a ser entendida de um modo bilateral, numa lógica “dou, logo tenho direito a receber.” “Esta não é a base da solidariedade, aliás, é o oposto dela”, advertiu Enrico Letta, alertando ainda para as duas clivagens que atualmente fraturam a Europa: a Norte-Sul e a Este-Oeste. Se a primeira é de pendor económico e tem vindo a aumentar, a segunda resulta das diferentes respostas ao problema dos refugiados, mais solidária a oeste, menos solidária a este. Estas duas clivagens, em cruz, conduzem, na sua opinião, a uma situação de “alerta vermelho” na UE. Mas acredita que “podemos aproveitar as adversidades para dar a volta à situação”. Por exemplo, os recentes ataques de Paris tiveram como alvo os valores



européus, reforçando a necessidade de defesa da integração europeia perante a ameaça externa. “A solidariedade que se espera dos países da união não é cantar a *Marselhesa*, mas, sim, uma firme defesa dos valores comuns.” Por outro lado, afirmou ainda que a única resposta que podemos dar ao tremendo fluxo dos refugiados é também ela uma resposta solidária. Enrico Letta terminou a sua comunicação defendendo uma solidariedade que recupere o seu conceito original, retomando o sistema de *cross advantages* (vantagens cruzadas) que esteve na origem do sonho europeu.

Solidariedade vs responsabilidade

O historiador e teórico da política holandês Luuk van Middellar referiu-se às duas narrativas políticas que dominam a atualidade. A primeira apela à criação de mecanismos de ajuda e à solidariedade e a segunda põe a tônica na responsabilidade. São posições que decorrem da narrativa católica (solidariedade) e protestante (responsabilidade), representando duas formas de abordar a questão, uma mais e outra menos flexível, que não tendem a convergir.

Van Middellar recordou que a Europa sonhada por Schuman passava pela criação de interdependências entre os Estados para que a solidariedade emergisse sempre que necessário. “A vivência da crise dos últimos anos levou-nos a perceber que estamos todos no mesmo barco, dando-nos a verdadeira dimensão do que partilhamos: o que se passa nos outros países tem uma verdadeira repercussão em nós.” Luuk van Middellar apelou para a necessidade de os europeus sacudirem a depressão e se assumirem como europeus, orgulhando-se, ao mesmo tempo, das suas diferenças. “Somos europeus e essa identificação é fundamental para nos sentirmos verdadeiramente solidários uns com os outros.”

Confronto de regiões

O eurodeputado Paulo Rangel referiu-se às atuais clivagens na Europa como clivagens entre regiões, espaços na zona euro (Norte-Sul, Este-Oeste) e não entre Estados. Considerou que os fundos estruturais de coesão (que contribuem para um bolo sem saber para onde vão ser canalizados), conduzem a uma modelo mais solidário. Quando os recursos provêm de Estados, o modelo não é tão eficaz: aumenta a desconfiança entre as nações e reduz o espírito solidário. Rangel aludiu aos vários desafios que a Europa enfrenta, como o terrorismo, a crise dos refugiados, os nacionalismos e extremismos que estão a pôr em causa o nosso modo de vida, afirmando a importância de saber encontrar um equilíbrio entre diversidade, solidariedade e segurança.



Olhares sobre a crise

O economista Xavier Ragot, presidente do Observatório Francês das Conjunturas Económicas, falou na necessidade de uma convergência europeia baseada em três disciplinas: política competitiva, disciplina fiscal e disciplina monetária, sublinhando que tudo falhou na atual crise. Menos otimista, afirmou que o crescimento não é satisfatório e que a crise não acabou, referindo-se a uma “década perdida na Europa”.

Já o alemão Henrik Enderlein, professor nas Universidades de Leiden e Louvain, afirmou que a crise dos refugiados pode fazer-nos perceber que é possível enfrentar e resolver os problemas conjuntamente. Quanto à zona euro falou na importância de um federalismo económico, de um mercado único, de uma união bancária e de assumir riscos partilhados. Estando Angela Merkel em fase final de carreira, acredita que a chanceler alemã poderá ser uma eficaz gestora da atual crise na Europa.

Pequenos passos para uma união monetária

No final da conferência, a eurodeputada Elisa Ferreira descreveu o momento particularmente grave que a Europa atravessa: a questão da dívida soberana assumiu contornos dramáticos e o problema dos refugiados tornou-se “a cereja amarga em cima do bolo”, gerando um clima de desconfiança entre os vários países. Ao mesmo tempo aludiu aos riscos que vêm não só de fora, mas também de dentro da Europa.

Se a Europa era um espaço de prosperidade e o projeto político era robustecido pelo projeto económico, entende que se deu agora uma inversão total do método de construção da Europa: “Se não resolvermos a dimensão económica, o projeto político vai perder-se.” Falou da fragilidade da moeda única, da ausência de mecanismos comuns de defesa da dívida soberana, e da ausência de supervisão comum dos mercados financeiros. Deixou algumas críticas ao funcionamento da UE, afirmando que “os interesses da União deixaram de ser os da sua agenda e passaram a ser capturados pelos Estado dominantes”. Mostrou-se desapontada pelo facto de as medidas anunciadas para o futuro da zona euro, aquando do descalabro de 2012 e que apontavam para uma verdadeira união bancária e supervisão única, terem sido abandonadas. A “complexidade dos passos que sabemos que temos de dar é enorme, mas, em vez disso, damos ‘pequenos passos’ que nos deixam longe de uma união monetária”.

Uma visão otimista

Na sessão de encerramento, António Vitorino, comissário da conferência, assumiu um lado otimista por considerar que nos cidadãos europeus a noção do grau de interdependência do mundo em que vivemos “mais viva do que o grau de consciência dos decisores políticos”. Afirmou que a gravidade do momento que vivemos exige uma visão ousada para lá do curto prazo. A razão última do ceticismo em relação ao projeto europeu é a percepção de que o rumo europeu não é claro, está envolto em dúvidas e incertezas. Vitorino acredita que as crises do euro, dos refugiados e do terrorismo pressupõem uma evidência cartesiana: a profunda interdependência de todos os Estados-membros e a impotência de cada um, isoladamente, para fazer face a problemas desta dimensão.

Diálogo estratégico entre Estado e fundações

Conferência em Berlim



© CHRISTOPH HENGELHAUPT

Num encontro realizado em Berlim no final de 2015, que reuniu fundações e *think tanks* para se discutir “uma política externa para as sociedades”, a Fundação Calouste Gulbenkian esteve representada por Isabel Mota, que participou num painel sobre experiências com redes multisectoriais, na perspectiva das fundações. Por iniciativa da Associação de Fundações Alemãs, este encontro propunha-se lançar um diálogo estratégico entre o Ministério dos Negócios Estrangeiros e as fundações alemãs de modo a criar oportunidades para novas parcerias na prossecução de objetivos estratégicos comuns. “Os Estados sozinhos não têm capacidade para fazer face a todas as necessidades sociais e as fundações e outras organizações da sociedade civil têm um papel cada vez mais importante”, sublinhou a administradora da Fundação durante o encontro cuja conferência de abertura foi proferida pelo ministro alemão dos Negócios Estrangeiros, Frank-Walter Steinmeier.

“Cada vez mais a agenda das fundações é baseada em abordagens estratégicas e sistêmicas, com vista a precaver necessidades sociais futuras. Para as fundações, a transparência, a inovação e o impacto são os princípios orientadores da mudança, com base no reforço da sociedade civil”, disse Isabel Mota, explicando que a atuação da Fundação Calouste Gulbenkian tem sido no sentido de identificar necessidades sociais, a nível nacional e internacional, e testar soluções locais inovadoras. “Depois trabalhamos com o Governo central e local para a implementação das melhores práticas”, precisou.

“A desigualdade é uma escolha”

Conferência de Joseph Stiglitz

“A desigualdade é uma escolha dos nossos sistemas políticos”, afirmou Joseph E. Stiglitz na sua conferência sobre Desigualdade num Mundo Globalizado, à qual assistiram na Fundação Calouste Gulbenkian mais de duas mil pessoas.

Relembrando a sua última passagem pela Fundação Calouste Gulbenkian no ano 2000, a convite do então presidente do Conselho de Administração Vítor Sá Machado, o economista norte-americano afirmou no dia 1 de dezembro, perante um auditório completamente lotado, que desde então “a situação só piorou”. “Espero que este momento não marque outro ciclo de 15 anos a piorar”, disse. Estava dado o mote para a sua intervenção (sempre pontuada com humor) que ao longo de 90 minutos se centrou sobretudo na realidade económica dos Estados Unidos, o país que melhor conhece e onde “experiencia diariamente a desigualdade”, para fazer algumas extrapolações sobre a desigualdade ao nível global, e sobre a situação na Europa.

Nascido numa pequena cidade industrial no estado do Indiana, em plena “idade do ouro do capitalismo”, Joseph Stiglitz destacou na sua conferência aspetos como a redução dos salários médios entre as pessoas mais pobres dos Estados Unidos, nos últimos 60 anos, e o aumento dos recursos do grupo de um por cento dos mais ricos do país, que “mais do que duplicou” nos últimos 30 anos.

“A democracia americana vive hoje em função desse um por cento”, afirmou o economista, criticando as políticas económicas de *trickle-down* implementadas nos anos 80, que conduziram a um acentuado agravamento das desigualdades, tanto de riqueza e de rendimento, como de oportunidades. Recordando que estas políticas assentam no pressuposto de que a prosperidade para os mais ricos se transforma em prosperidade para os mais pobres, o economista desabafou: “Gostava que fosse verdade.” E lamentou que muitos governos continuem a praticar estas políticas, deixando um aviso: “Se seguirem o modelo económico americano, vão reproduzir as mesmas desigualdades.”



JOSEPH STIGLITZ © MÁRCIA LESSA

“O sonho americano e os Estados Unidos como ‘terra de oportunidades’ são um mito”, defendeu Stiglitz. “Digo sempre aos meus alunos para escolherem os pais certos”, afirmou, para sublinhar que as oportunidades dos jovens norte-americanos estão dependentes do nível de rendimento e educação dos pais.

Não é a economia, é a política

Joseph Stiglitz afirmou que “91 por cento da recuperação económica mundial foi para os um por cento com mais recursos” e criticou as celebrações de países europeus, como Espanha, pela redução das taxas de desemprego para valores ainda “inaceitáveis”.



© MÁRCIA LESSA

“Estão a celebrar o fim da recessão com uma taxa de desemprego de 23 por cento e de desemprego jovem perto de 50 por cento. Para mim, isso é uma depressão e não um motivo de celebração”, disse, lembrando ainda que muitos jovens emigraram, deixando de entrar nas estatísticas de desemprego. “Com a austeridade e com o aumento do desemprego, é difícil manter um crescimento económico no futuro, porque se está a destruir capital humano produtivo”, afirmou o nobel da Economia.

O economista defendeu finalmente que o mundo inteiro está perante uma situação de emergência devido a um “enorme aumento dos níveis de desigualdade” que exige a tomada de decisões radicais no curto prazo para inverter a tendência das últimas décadas. Reforçou

que as economias com menos desigualdade económica e com menos desigualdade de oportunidades têm melhores resultados, com “um crescimento mais estável e uma menor frequência de crises”, deixando o apelo: “As decisões de hoje vão ter efeitos na desigualdade dentro de décadas.”

“Sabemos que a austeridade reduz o desempenho das economias e promove a desigualdade”, afirmou Stiglitz, concluindo que a questão não está na economia, mas na política. E terminou a sua intervenção com uma interrogação: “Conseguiremos alcançar as mudanças políticas que levem a uma economia mais produtiva e a uma sociedade mais igualitária?”

Veja a conferência completa em <http://livestream.com/fcglive/20151201DesigualdadenumMundoGlobalizado>



© MÁRCIA LESSA

As escolhas dos curadores

Os curadores das exposições que a Fundação Calouste Gulbenkian atualmente exhibe destacam algumas obras, explicando de modo breve as razões da sua escolha.

O Círculo Delaunay

Até 22 fev

A escolha de Ana Vasconcelos



Sonia Delaunay

Estudo para Portugal (projeto de decoração para o Pavilhão dos Caminhos de Ferro da Exposição Internacional das Artes e das Técnicas, Paris, 1937)

Skissernas Museum – Museum of Artistic Process and Public Art, Lund, Suécia

© Pracusa 2015091

Na pintura mural que executa para a Exposição Internacional de Paris em 1937, Sonia Delaunay revive as memórias do período que passou no Norte de Portugal, a que chamou 'as férias grandes', um tempo de encantamento com a luz, as cores, as roupas, o ritmo e o modo de vida no Minho. Para esta composição, cujo original media cerca de seis metros de altura, Sonia utilizou postais de época que reuniam vistas da ponte de D. Luís e do cais da Ribeira com lojas e carros de bois (Porto), e a saída de uma procissão em Ibiza, interessando-lhe transmitir ao cosmopolita público da grande exposição parisiense o exotismo e a riqueza cromática e luminosa dessa inesquecível viagem realizada durante a I Guerra Mundial.



Robert Delaunay

La Grande Portugaise, 1916

Coleção Carmen Thyssen-Bornemisza

Em *A Grande Portuguesa*, Robert Delaunay retoma a figuração, que havia quase abandonado na pintura realizada em Paris nos anos anteriores à I Guerra, representando uma natureza-morta – o seu tema favorito durante o período português – com uma figura feminina, provavelmente uma das criadas da sua casa *La Simultanée*, em Vila do Conde (onde viveu entre junho de 1915 e março de 1916). A composição é executada com todos os recursos da *pintura simultaneísta*, a linguagem pictórica desenvolvida por Robert Delaunay a partir de 1912, com base na aplicação da teoria dos contrastes simultâneos das cores, resultando num extraordinário efeito de grande luminosidade e riqueza cromática.



Amadeo de Souza-Cardoso

Moinhos 9, c. 1915-1916

Coleção Manuel de Brito

Esta foi uma das cinco telas que Amadeo de Souza-Cardoso enviou pelo correio para Vigo, a Robert Delaunay, no dia 12 de maio de 2016. Destinavam-se a ser expostas em Barcelona, numa exposição conjunta com obras de Robert e Sonia Delaunay, exposição que não se realizaria. A partir de 19 de junho seguinte, Amadeo pede insistentemente por carta aos Delaunay, a devolução destas obras. As cinco pequenas pinturas constituem um interessante mostruário da pintura que Amadeo desejava apresentar internacionalmente. Em duas delas vê-se este braço articulado de carácter robótico, que surge destacado nesta composição e que se torna um importante elemento iconográfico da obra de Amadeo em 1915-1916.



Eduardo Viana

Rendeira de Vila do Conde, 1916

Coleção particular

O carácter intimista e a atenção ao popular como vetor de modernidade são duas características da pintura de Eduardo Viana anteriores ao seu convívio com Robert e Sonia Delaunay, entre o verão de 1915 e a primavera de 1916, em Vila do Conde. Nas suas memórias, Sonia chamar-lhe-á o *compagnon portugais*. Este companheirismo artístico ficou expresso de forma mais naturalista nesta grande tela, a que Viana chamou “o meu grande Vermeer, o meu campo de batalha para o inverno”. A elegante rendeira (de bilros, como é tradicional em Vila do Conde), com o seu xaile de círculos cromáticos sugestivos da pintura órfica dos Delaunay, trabalha num ambiente saturado de sugestões simultaneístas ainda que a estrutura compositiva seja clássica, com uma forte presença da luz e de padrões têxteis tão ao gosto de Johannes Vermeer.

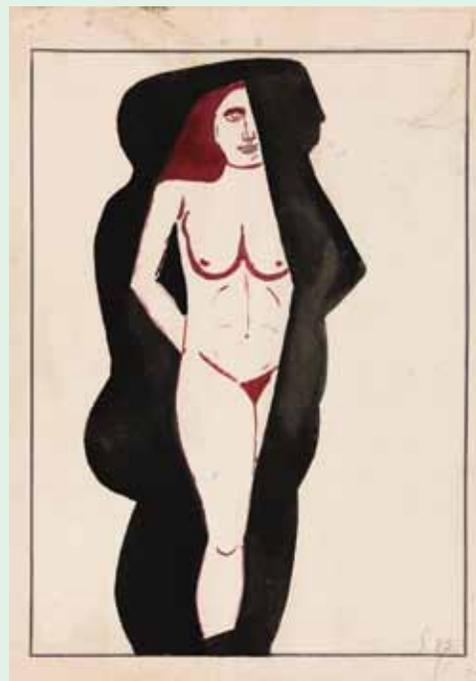
Hein Semke.

Um alemão em Lisboa

Até 13 jun

A escolha de Ana Vasconcelos

Um dos temas iconográficos de Hein Semke foi o corpo humano, sobretudo o corpo feminino, que se transformará em torso, em fragmento. Este desenho de uma fase muito inicial, já que Semke começa a estudar arte em 1930, indicia o seu interesse pelas formas modeladas e metamórficas, pelos corpos que se transformam noutros corpos ou que sugerem a inscrição de rostos, perfis, cabeças, ligados ou *religados* entre si, numa cadeia transmissora de humanidade.



S/titulo, 1932

Tinta da China e guache s/ papel

Semke participa com 17 anos na violência destrutiva da Grande Guerra, atuando nas frentes da Ucrânia e da Flandres. Desta experiência traumática retira um forte sentimento antibelicista que marca explicitamente a sua obra nos anos 1930. Esta escultura em cerâmica, executada no contexto da II Guerra Mundial, lembra-nos de modo explícito, quase apocalíptico, que na guerra não há vencedores. Os esqueletos em pé seguram cadáveres sob o título inscrito *Quo Vadis Victor?* (Onde vais, vitorioso?).

Quo Vadis Victor?, 1942

Coleção particular

O movimento é um dos mais interessantes elementos da obra de Semke, presente desde o primeiro momento e que se perpetua até aos dois grandes ciclos finais (Lofoten e Estudos para Grandes Formas). Nos anos 1970, Semke retoma a xilogravura sobre papel, linguagem artística tipicamente alemã e que havia praticado desde o início do seu percurso. Nesta depurada obra da série "Movimentos", o torso feminino de perfil é registado sequencialmente, originando no observador uma interessante sensação de movimento a partir da observação de uma única imagem.

"Movimentos" ou "Kleine Torsos"
(Pequenos Torsos) – "N", 1972



Willie Doherty. Uma e Outra Vez

Até 22 fev

A escolha de Isabel Carlos

Este vídeo, um dos nove que podem ser vistos na Sala Polivalente do CAM, contém todos os elementos que tornaram Doherty um nome incontornável da arte contemporânea: filmagem cuidada e suave, a reflexão sobre a tensão, a violência, a morte e o desaparecimento, sem qualquer imagem de violência explícita.



Remains, still, 2013



Com a presença do famoso ator irlandês Stephen Rea, este vídeo é atravessado pela memória, esquecimento e repetição. Uma e outra vez, as imagens repetem-se, a memória repete-se, ou será o esquecimento que se repete?! Simultaneamente bucólico e melancólico é um dos raros vídeos em que Doherty não recorre à palavra, ao diálogo ou à voz *off*.

The Amnesiac, 2014



Nesta instalação composta por um *slide* de uma imagem (retirada de um jornal) de um jovem condenado à prisão por terrorismo e pelo som de uma voz masculina, Doherty lança-nos várias interrogações: o rosto de um terrorista é diferente do de uma pessoa comum? O outro é assim tão diferente de nós? O que é que faz um jovem com um olhar melancólico e doce cometer um dia em ato terrorista e matar os seus vizinhos? A questão não podia ser, infelizmente, mais atual.

They're All the Same, 1991

Calouste S. Gulbenkian e o Gosto Inglês

Até 28 mar

A escolha de João Carvalho Dias

O *Hermes da Vestal Tucia*, executado provavelmente em 1818 para Frederick Webb, foi o primeiro de uma série de Hermes que Canova esculpiu, na ânsia de atingir, em cada nova tentativa, uma maior perfeição. As vestais eram virgens consagradas ao culto da deusa Vesta, protetora romana do lar, e tinham por obrigação servir de exemplo de pureza e castidade.



Antonio Canova
Hermes da Vestal Tucia, Roma, 1818
Museu Calouste Gulbenkian



David Lucas (1802-1881), segundo John Constable (1776-1837)
The Lock, Londres, 1834
Museu Calouste Gulbenkian

À paisagem juntam-se as atividades que a povoam, interpretadas com grande rigor por David Lucas, que fielmente interpretou as ideias de Constable. Da colaboração entre pintor e gravador irão resultar os *mezzotintos* que melhor traduzem as qualidades de uma natureza à partida tão reconhecível, mas à qual o artista acrescentou a sua visão própria.



Sir Joshua Reynolds (1723-1792)
Retrato do General William Keppel
Inglaterra, c. 1762-1770
Museu Nacional de Arte Antiga, inv. 1880 Pint.

© Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa / Foto: José Pessoa

A pintura representa William Keppel (1727-1782), general de infantaria, que participou em 1762 na Batalha de Havana. A obra, adquirida com o envolvimento direto de Sir Kenneth Clark, constitui a primeira de 16 pinturas doadas por Calouste Gulbenkian ao Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, entre os anos de 1949 e 1952.

Wentworth-Fitzwilliam. Uma Coleção Inglesa

Até 28 mar

A escolha de Luísa Sampaio



Anton van Dyck (1599-1641)
Thomas, Visconde Wentworth, 1.º Conde de Strafford,
com Sir Philip Mainwaring
Inglaterra, c. 1639-1640

A composição representa um dos cavalos de corrida do 2.º marquês de Rockingham, numa composição realizada pelo maior pintor animalista do seu tempo, George Stubbs, de quem Charles Watson-Wentworth, duas vezes primeiro-ministro da Grã-Bretanha, foi o grande mecenas.

George Stubbs (1724-1806)
Scrub, Cavalo do Marquês de Rockingham, Montado por John Singleton
Inglaterra, 1762



Salomon van Ruysdael (1600/1603-1670)
Paisagem Fluvial
Holanda, c. 1647

As paisagens fluviais constituem um tema de eleição do vulgarmente designado “século de ouro” da paisagem holandesa. Salomon van Ruysdael, um dos seus grandes intérpretes, faz-se representar nesta exposição com uma notável cena de entardecer, tratada de forma realista.

Pintor da corte do rei Carlos I, o mestre flamengo Anton van Dyck foi igualmente o retratista preferido de Thomas Wentworth, 1.º conde de Strafford, figura que está na origem da formação desta coleção inglesa e que aqui se faz representar junto do seu secretário Philip Mainwaring.



Uma obra em exposição

Nouveau Théâtre de la Grande Bretagne

Quando Guilherme, príncipe de Orange, deixa a sua Holanda natal para assumir a coroa de Inglaterra, Escócia e Irlanda (r. 1689-1702), em conjunto com a sua prima Maria, da Casa Stuart (r. como Maria II, 1689-1694) – momento que a história fixou como “Revolução Gloriosa” –, são muitos os seus compatriotas artistas que rumam às ilhas britânicas. Oferece-se como um evidente testemunho desse facto a presente obra, em quatro volumes, que contou com a participação fundamental de três holandeses: Leonard Knyff, Jan Kip e David Mortier, respetivamente, ilustrador, gravador e editor. Já em 1707, fruto da intervenção dos mesmos protagonistas, viera a lume, em Londres, *Britannia Illustrata*, que reunia num único volume 80 gravuras reproduzindo vistas dos principais palácios da rainha Ana (r. 1707-1714) e das casas senhoriais da Grã-Bretanha.

O conjunto dos quatro volumes na Coleção Gulbenkian, que constituem a obra *Nouveau Théâtre de la Grande Bretagne*, amplia as ilustrações para 307 gravuras executadas a talhe-doce, sendo o volume I aquele que integra o maior número de estampas atribuídas à dupla Knyff e Kip. Trata-se de uma das mais importantes publicações com levantamentos topográficos, editada em Inglaterra no século XVIII.

Além dos sítios reais, a obra reúne, entre outras representações, catedrais, edifícios universitários, hospitais, vistas de portos, tabelas genealógicas dos monarcas britânicos, bem como representações das grandes casas senhoriais do reino, executadas com grande realismo, como é o caso da vasta propriedade do Conde de Rochester, New Park, em Richmond, Surrey, reproduzida na página seguinte.

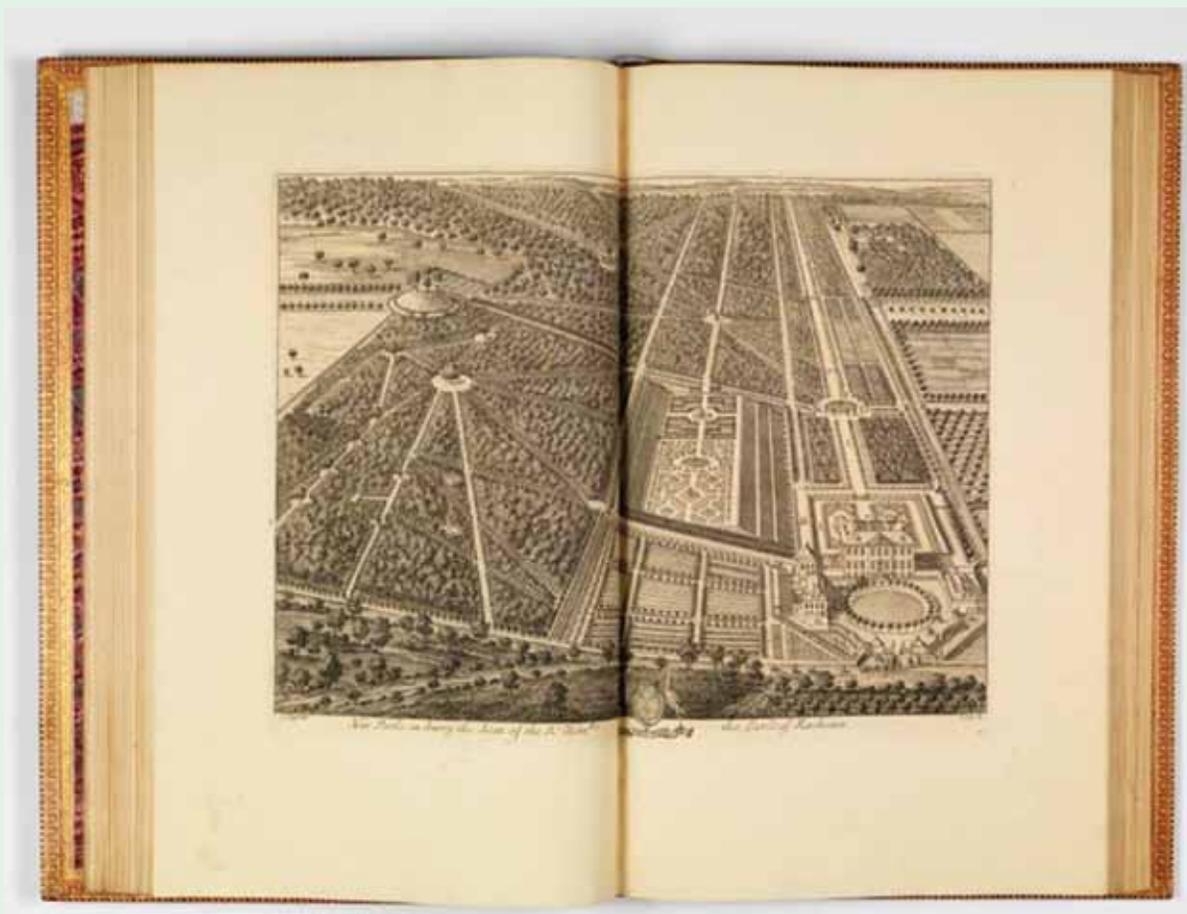
Numa carta datada de 8 de maio de 1686, expedida do castelo de Dublin, Henry Hyde, conde de Clarendon, dirigia-se ao seu irmão, Laurence Hyde, 1.º conde de Rochester (1642-1711), nos seguintes termos:

“Desejo-lhe as maiores felicidades no pequeno pavilhão que o rei lhe ofereceu; já tive a oportunidade de o visitar, logo após a Restauração. Terá de investir uma soma consideravelmente menor do que se tivesse que construir uma nova casa e disfruta de uma ótima localização no parque [Richmond], que é tanto do seu agrado.”

Rochester irá promover a reconstrução da casa de modo a torná-la uma habitação digna do seu estatuto político, reformulando e criando os magníficos jardins e os bosques que a envolviam, como é comprovado pela estampa gravada por Jan Kip, recorrendo a uma técnica que coloca o observador num lugar privilegiado, como que “sobrevoando” a imensa propriedade de Richmond.

João Carvalho Dias

Texto adaptado do catálogo da exposição Calouste S. Gulbenkian e o Gosto Inglês que pode ser vista até 28 de março.



Nouveau Théâtre de la Grande Bretagne: ou description exacte des Palais du Roy et des Maisons les plus considérables des Seigneurs & des Gentilshommes de la Grande Bretagne [...]

Ilustrações de Leonard Knyff (1650-1721) *et al.*, gravadas por Jan Kip (1653-1722) *et al.*

Londres : Chez David Mortier Libraire, 1714-1717

Grande in-fólio, 52,8 x 35,80 cm, 4 vol., 307 gravuras a talhe-doce

Encadernação em marroquim vermelho de Hayday & Co., Londres

Proveniência: Biblioteca de Hugh Robert Hughes of Kinmel (ex-líbris); adquirido por Calouste Gulbenkian, através de B. Coureau, a E. Parsons & Sons, Londres,

25 de setembro de 1916

Museu Calouste Gulbenkian, inv. LA67 A/B/C

Julião Sarmiento em Paris

La chose, même – the real thing

Uma exposição antológica de Julião Sarmiento vai apresentar a partir de **20 de janeiro**, na Fundação Calouste Gulbenkian em Paris, uma seleção de 25 obras produzidas pelo artista português ao longo de 40 anos, entre 1973 e 2013. Comissariada pelo curador francês Ami Barak, a exposição *la chose, même – the real thing* propõe aos visitantes um panorama da obra de uma das mais importantes figuras da arte contemporânea portuguesa.

Com um percurso artístico iniciado nos anos 70, e que cedo ganhou projeção internacional, a obra de Julião Sarmiento recorre à fotografia, ao desenho, à escultura, ao vídeo e à performance, sempre em estreita ligação com o texto que é incorporado em fragmentos nas suas peças. O trabalho de Julião Sarmiento é marcado pela presença icónica das mulheres como “musas subtis” e como “tema enigmático recorrente”, resultando numa obra sugestiva que questiona a representação, em particular na sua relação com o desejo e os seus mecanismos.

No âmbito desta exposição, no dia 31 de março, uma instalação permanente de Julião Sarmiento passará a ocupar o pátio exterior do edifício da Fundação Gulbenkian no boulevard de la Tour Maubourg, em Paris. Trata-se de uma escultura intitulada *Marie*, que reproduz o corpo de uma mulher, inspirada na arte clássica, mas recorrendo a técnicas inovadoras no campo digital. A instalação é feita em colaboração com o estilista Felipe Oliveira Baptista, que desenha as peças de roupa para vestir a escultura de Julião Sarmiento. Nascido em Portugal em 1975, Felipe Oliveira Baptista é conhecido no universo da moda e do *design* pelas suas criações em nome próprio e é desde 2010 o diretor artístico da marca Lacoste.

Primavera cultural portuguesa

A exposição de Julião Sarmiento, que pode ser visitada até dia 17 de abril, inscreve-se numa iniciativa cultural de várias instituições em Paris para dar protagonismo à arte contemporânea portuguesa nos próximos meses – *Printemps culturel portugais*. Para além da grande exposição no Grand Palais dedicada a *Amadeo de Souza Cardoso* – “o segredo mais bem guardado da cultura portuguesa” –, que abre a 20 de abril, desta iniciativa faz parte também a exposição *Helena Almeida. Corpus* no Jeu de Paume (9 fevereiro – 22 maio), a exposição *Les Universalistes. 50 ans d’architecture portugaise* na Cité de l’architecture et du patrimoine (13 abril–29 agosto), e ainda o regresso ao Théâtre de la Ville do coletivo Teatro Praga (31 maio – 4 junho) com um projeto baseado em Fernando Pessoa e na infância do poeta passada na África do Sul.



ABSTRACT, 2010, CORTESIA DO ARTISTA E GALERIA PILAR CORRIAS



Concertos para um novo ano

A temporada de Música 15/16 chega ao fim em junho. Neste semestre, entre as mais de seis dezenas de espetáculos que se vão realizar, há muitos motivos para vir ao Grande Auditório Gulbenkian. Programação completa em musica.gulbenkian.pt

VIAGEM DE INVERNO

Grande Auditório

Sexta, 19 fevereiro, 21h00

Matthias Goerne Barítono

Markus Hinterhäuser Piano

William Kentridge Encenação e vídeo

Sabine Theunissen Cenografia

Greta Goiris Figurinos

Hermann Sargeloos Desenho de luz

Winterreise

Franz Schubert

Nova produção do Festival d'Aix-en-Provence em coprodução com Wiener Festwochen, Holland Festival, Kunstfestspiele Herrenhausen/ Niedersächsische Musiktage (Hanôver), Théâtres de la Ville de Luxembourg, Opéra de Lille, Lincoln Center

Espectáculo multimédia que recria o majestoso ciclo de canções *Viagem de Inverno* de Franz Schubert, composto a partir dos poemas de Wilhelm Müller. Os pensamentos do viajante, invernosos como as paisagens que vai atravessando, sugeriram ao artista sul-africano William Kentridge uma viagem visual imaginária que acompanha a interpretação do barítono Matthias Goerne e do pianista Markus Hinterhäuser.

© DR



ORQUESTRA GULBENKIAN

Grande Auditório

Quinta, 25 fevereiro, 21h00

Sexta, 26 fevereiro, 19h00

Susanna Mälkki Maestrina

David Kadouch Piano

Claude Debussy *Prélude à l'après-midi d'un faune*

M. Ravel *Concerto para Piano para a mão esquerda, em Ré maior*

Luis Tinoco *O Sotaque Azul das Águas* *

Claude Debussy *La mer*

Segundo momento da temporada, dedicado à parceria SP-LX – Música contemporânea do Brasil e de Portugal, celebrada entre a Fundação Calouste Gulbenkian e a Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo e que prevê a estreia alternada de novas criações encomendadas a compositores brasileiros e portugueses. Desta vez, será apresentada uma obra sinfónica de Luís Tinoco – *O Sotaque Azul das Águas* – que será, mais tarde, tocada em São Paulo.

* Encomenda no âmbito SP-LX – Música contemporânea do Brasil e de Portugal

ORQUESTRA GULBENKIAN

Grande Auditório

Quinta, 3 março, 21h00

Sexta, 4 março, 19h00

Jukka-Pekka Saraste Maestro

Waltraud Meier Meio-Soprano

Richard Wagner

Lohengrin: Abertura do 1.º Ato

Wesendonck Lieder

Anton Bruckner

Sinfonia n.º 3, em Ré menor (versão de 1877)

© NOMI BAUMGARTL



A meio-soprano alemã, Waltraud Meier, uma das maiores intérpretes mundiais do repertório wagneriano, interpreta o ciclo de canções *Wesendonck Lieder*, uma das raras obras não operáticas de Richard Wagner, apesar de algumas canções que a integram terem constituído estudos para futuras óperas.

CORAL NACIONAL JUVENIL SIMÓN BOLÍVAR

Grande Auditório

Quinta, 24 março, 19h00

Lourdes Sánchez Maestrina

Árias da Venezuela

Oração e poesia

Nascido no seio do “El Sistema”, em 2006, o Coral Nacional Juvenil Simón Bolívar, reúne as melhores vozes de jovens coralistas de toda a Venezuela. Com direção musical de Lourdes Sánchez, este agrupamento coral iniciou a sua internacionalização em 2012, tendo colaborado, desde então, com maestros como Simon Rattle, Krzysztof Penderecki, Gustavo Dudamel ou Pablo Castellanos.



© DR

ORQUESTRA GULBENKIAN

Grande Auditório

Quinta, 7 abril, 21h00

Sexta, 8 abril, 19h00

Michal Nesterowicz Maestro

Artur Pizarro Piano

Franz Liszt *Les Préludes*

José Júlio Lopes *Corpus*, para piano e orquestra *

Fryderyk Chopin

Krakowiak, para piano e orquestra, op. 14

Modest Mussorgsky / Maurice Ravel

Quadros de uma exposição

* Estreia mundial – encomenda da Fundação

Calouste Gulbenkian



ARTUR PIZARRO © SVEN ARNSTEIN

Fundador e diretor artístico da OrchestrUtopica, José Júlio Lopes começou por criar música de cena, tendo, mais tarde, composto peças para orquestra de câmara e para voz e piano. Neste programa será estreada mundialmente a sua obra *Corpus*, uma encomenda da Fundação Gulbenkian, inspirada na singularidade e fragilidade do corpo. Composta para grande orquestra, a parte de piano foi escrita especialmente para Artur Pizarro.



PETER MATTEI © HAKAN FLANK

ORQUESTRA GULBENKIAN

Grande Auditório

Quinta, 14 abril, 21h00

Sexta, 15 abril, 19h00

Karl-Heinz Steffens Maestro

Peter Mattei Baritono

Richard Wagner *Idílio de Siegfried*

Gustav Mahler *Canções de um Viandante*

Ludwig van Beethoven

Sinfonia n.º 6, em Fá maior, op. 68, *Pastoral*

Um dos maiores barítonos da atualidade, o sueco Peter Mattei, que pudemos ouvir numa extraordinária interpretação de Wolfram (*Tannhauser*) da presente temporada do Met Live, apresenta-se, pela primeira vez, ao vivo, na Fundação Gulbenkian para interpretar *Canções de um Viandante* de Gustav Mahler. Acompanha-o a Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro e clarinetista alemão Karl-Heinz Steffens.

ORQUESTRA GULBENKIAN

Grande Auditório

Sexta, 6 maio, 21h00

Rui Pinheiro Maestro

Cantores e percussionistas de Angola,
Colômbia, Cuba e Portugal

Salomé Pais Matos Toha

Victor Gama Toha, acrux

Ópera Multimédia

Victor Gama

3milRIOS: Vozes na floresta



© VICTOR GAMA

Estreia mundial de *3milRIOS: Vozes na floresta*, uma ópera multimédia de Victor Gama sobre a destruição ambiental das florestas tropicais da Amazônia colombiana e brasileira. Victor Gama compõe para instrumentos tradicionais e para outros criados por si, utilizando nesta ópera fotografia, vídeo, gravações de campo e entrevistas a ativistas culturais e ambientais, entidades governamentais e não governamentais, professores, líderes religiosos, músicos e pessoas de comunidades situadas nestas florestas. Encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian, realizada em coprodução com o Teatro Colón de Bogotá.



© DRIES

JOYCE DIDONATO

Grande Auditório

Domingo, 22 maio, 19h00

Joyce DiDonato Meio-Soprano

Craig Terry Piano

Depois do êxito obtido em 2013, com *Drama Queens*, a meio-soprano norte-americana Joyce DiDonato regressa à Gulbenkian Música, acompanhada pelo pianista Craig Terry. DiDonato é uma das maiores intérpretes atuais do repertório rossiniano e uma das maiores estrelas do canto lírico mundial. O público que acompanha o ciclo de transmissões em direto da Metropolitan Opera pôde ouvi-la em 2015 num dos seus papéis de eleição: Elena de La Donna del Lago.

O que ainda há para Descobrir

Um novo ano pode significar também uma nova oportunidade para conhecer e aprender cada vez mais. Por isso, a programação do Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência oferece até à Primavera inúmeras atividades, dentro e fora dos espaços da Fundação, com destaque para dois dias especiais e um concurso que vão marcar os próximos meses. Programação completa em www.descobrir.gulbenkian.pt



© ESPECIALISTAS

BEM-ME-QUER, MAL-ME-QUER, MUITO, POUCO OU NADA...

Domingo, 14 de fevereiro

No dia dos namorados haverá Bem-me-quer, mal-me-quer, muito, pouco ou nada... um dia com atividades para todas as idades, como *Birds do it*, uma visita temática ao Jardim Gulbenkian sobre as vocalizações e rituais de acasalamento das aves ou *O Amor na Mitologia e na Arte*, na qual as várias paixões e os encontros e desencontros entre humanos e deuses da mitologia greco-romana são explorados no Museu Gulbenkian, graças às várias obras que este tema inspirou.

Ainda com oficinas e visitas sobre temas como a sexualidade nas plantas ou a criação musical, o dia vai ser marcado pelos concertos de São Valentim, onde atuará a Orquestra Gulbenkian, dirigida pela maestrina Yi-Chen Lin, com os cantores Kateryna Kasper e Matija Meic. O Grande Auditório será o palco para estes concertos com árias e canções de Mozart, Leoncavallo, Tchaikovsky, Delibes, Verdi, Mascagni e Donizetti.



© FILIPE FERREIRA

DIA DAS ABELHAS

Sábado, 19 de março

O Dia das Abelhas também promete despertar o apetite intelectual e criativo de quem quiser participar nas atividades dedicadas às criaturas que nos dão o mel. Um dia para descobrir o mundo das abelhas e aprender mais sobre geometria, organização, cooperação, culinária, arquitetura e generosidade. Oficinas como *O Grande Favo*, que permite observar os conceitos matemáticos por trás dos favos de cera, ou *Hotéis para abelhas e outros polinizadores*, na qual se vão construir e colocar habitações para as abelhas, são algumas das atividades previstas para o dia, que conta também com projeções do documentário *Rainha do Sol, o que é que as abelhas nos estão a dizer?*, um filme premiado sobre o atual desaparecimento em massa de abelhas e as suas colmeias, devido ao *colony collapse disorder*, um fenómeno ainda sem explicação consensual.



CIÊNCIA EM CENA – FINAL

Sábado, 12 de março

Para além destes dias especiais do Descobrir, destaque ainda para a final do concurso Ciência em Cena, no dia 12 de março. Dinamizado em parceria com a Maratona da Saúde, este desafio pretende despertar o interesse dos jovens estudantes (9º, 10º, 11º, 12º anos e ensino profissional) pelo conhecimento científico, consciencializar para as várias doenças e sensibilizar para a solidariedade. Depois da edição do ano passado, que abordou a Diabetes, este ano os participantes são desafiados a explorar o cérebro e as doenças neurodegenerativas. No dia 12, os 10 projetos finalistas sobem ao palco para mostrar como se pode falar deste tema, da forma mais criativa possível. Os três vencedores receberão um cheque oferta no valor de 500 euros e estarão presentes no espetáculo solidário da Maratona da Saúde, transmitida na RTP.

Mais informações em: www.cienciaemcena.pt

Eduardo Lourenço e poetas portugueses editados em França

No último mês de 2015 chegou às livrarias francesas, com chancela da prestigiada editora Gallimard, um conjunto de obras de autores portugueses em língua francesa, fundamentais para a difusão e conhecimento da cultura portuguesa nos países francófonos



© MÃRCELA LESSA

O projeto, elaborado com as edições Gallimard por Luísa Braz de Oliveira para a Fundação Calouste Gulbenkian, tem três componentes, das quais a novidade é a publicação de 13 textos do ensaísta e pensador Eduardo Lourenço que finalmente vê publicadas, numa grande editora francesa, algumas das suas reflexões sobre a Europa, mas também sobre poesia. A segunda componente é a reedição de cinco volumes de poetas portugueses – Eugénio de Andrade, Herberto Helder, Nuno Júdice, Fernando Pessoa e António Ramos Rosa – reunidos pela primeira vez num *coffret* na coleção *Poésie Gallimard*. E, por último, na mesma coleção, a edição de *Os Lusíadas*, numa tradução em verso de Hyacinthe Garin, com prefácio de Vasco Graça Moura.

O lançamento das três publicações decorreu no final de novembro na delegação da Fundação em Paris, no âmbito da celebração dos 50 anos da presença da Fundação Gulbenkian em França.

Uma vida escrita na língua de Voltaire

Une vie écrite é o título do livro que reúne 13 textos escritos por Eduardo Lourenço, numa edição sob a direção de Luísa Braz de Oliveira. Como a própria sublinha numa nota preliminar, o livro propõe uma seleção de textos à volta de “duas noções centrais da sua obra: a Europa e a Poesia”, que poderão dar ao leitor francês uma ideia mais precisa sobre as reflexões do que é considerado como um dos maiores pensadores portugueses contemporâneos.

Esta seleção, feita por Eduardo Lourenço e Luísa Braz de Oliveira, é um ponto de partida para a descoberta do que foi feito pelo ensaísta nos últimos 30 anos e que, apesar da sua ligação pessoal de décadas a França, não tem tido correspondência na tradução das obras publicadas em Portugal. A publicação deste livro pela Gallimard, uma das mais prestigiadas editoras francesas, representa um enorme passo para a compreensão e revelação do pensamento singular de Eduardo Lourenço além fronteiras. Os textos, como diz Luísa Braz de Oliveira, foram criteriosamente escolhidos tendo por base o compromisso de “representarem a sua obra”, mas também “o eco que podem encontrar nos leitores franceses”.

O livro abre com um texto particularmente caro a Eduardo Lourenço “Montaigne ou la vie écrite”, em que o ensaísta descreve a sua descoberta e paixão pelo “mais só e menos só dos homens”, que o ligou desde sempre à língua e à nação francesas. Seguem-se reflexões e textos sobre a Europa para, numa segunda parte, se agruparem os pensamentos sobre Portugal e a sua poesia. *Une vie écrite* reúne textos fundamentais de Eduardo Lourenço, escritos sobretudo nas décadas de 80 e 90 e traduzidos pela sua mulher Annie de Faria, a que se juntam alguns mais recentes dos anos 2000. A obra está à venda nas livrarias em França ou por encomenda online, na coleção Hors série Littérature da Gallimard.



Colóquio/Letras sobre a Guerra

Há cem anos, em março de 1916, Portugal declarou guerra à Alemanha e entrou assim, oficialmente, na I Guerra Mundial. Uma declaração de guerra não é um momento para celebrar, mas pode constituir uma oportunidade para pensar a forma como a literatura refletiu situações extremas de conflito. Num mundo em que as consequências de novas e mais terríveis guerras estão à vista de todos, não será inoportuno este tema, tratado por ensaístas que evocam momentos diversos da nossa literatura (sobretudo dos séculos XIX e XX) e para cuja ilustração o artista plástico José Pedro Croft cedeu um sugestivo conjunto de imagens.

Os ensaios reunidos neste n.º 191 do Colóquio abrem novas perspetivas sobre autores e épocas que vão das invasões napoleónicas à guerra colonial, passando pelas lutas civis de 1820-1834 e pelas duas guerras mun-

diais, a que se junta também um estudo sobre as representações da guerra nas adaptações juvenis d’Os Lusíadas. Cinco cartas de Almeida Garrett a Rodrigo da Fonseca, do período da Patuleia, são apresentadas e anotadas por Sérgio Nazar David.

A revista inclui ainda artigos sobre a figura de Cleópatra n’Os Lusíadas (Luíza Nóbrega), Fernando Pessoa e o Islão (Fabrizio Boscaglia), a «farmácia poética» de Herberto Helder (Pedro Serra) e o escritor brasileiro Reinaldo Moraes em confronto com Sade (Eliane Robert Moraes).

Completam este número, a poesia de Miguel Martins e Tatiana Faia e as habituais secções de Notas & Comentários e Recensões Críticas. Em separata, um importante estudo de Rita Marnoto sobre a introdução de novas formas métricas por Sá de Miranda.

Uma perspetiva pouco habitual do Grande Auditório, visto do Jardim Gulbenkian à noite. O palco e a plateia estão vazios, em preparação para o próximo concerto que preencherá os 1200 lugares deste espaço renovado em 2014.

Fotografia de Márcia Lessa



